

A DIMENSÃO SIMBÓLICA DA ARQUITETURA PÓS-MODERNISTA NO ESPAÇO URBANO DE MARINGÁ-PR: REFLEXÕES SOBRE UM ESTUDO DE CASO

The symbolic dimension of postmodernist architecture on the Maringá-PR urban space: reflections of a study of case

Estevão Pastori Garbin¹
Fernando Luiz de Paula Santil²
Igor José Botelho Valques³

Universidade Estadual de Maringá^{1,2}
Departamento de Geografia
Bloco J-12, Av. Colombo, 5790. Maringá – PR
estevoepg@gmail.com
flpsantil@uem.br

Universidade Estadual de Maringá³
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Doutorando - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP
Bloco 33, Av. Colombo, 5790. Maringá – PR
ijbvalques@uem.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apontar o caráter simbólico que envolve alguns objetos arquitetônicos pós-modernistas na cidade de Maringá. Para isto, buscou-se traçar um paralelo entre as condições contemporâneas na concepção arquitetônica da cidade, bem como o discurso vigente da Geografia caracterizado por abordagens plurais do espaço urbano. Utilizaram-se algumas ideias propostas por Baudrillard (1995) sobre os signos de consumo que objetivam a distinção social, bem como algumas discussões de Claval (2011), Tuan (1980) e D'Alessio Ferrara (1999) que justificam a pluralidade paradigmática nas discussões da Geografia, especialmente sobre o espaço urbano. Por meio de um questionário qualitativo, buscou-se extrair os traços perceptivos dos indivíduos sobre o contexto e a inserção de alguns edifícios em bairros centrais, articulando as sensações percebidas sob a prisma da Gestalt. Conclui-se que o objetivo central destes objetos – em diferenciarem na paisagem – foi atingido parcialmente, entretanto, causaram associações de ideias semelhantes nos entrevistados.

Palavras chave: arquitetura pós-modernista, geografia urbana, percepção ambiental.

ABSTRACT

This work aims to point out the symbolic character involving some post-modernist architectural objects in the city of Maringá. For this, we sought to draw a parallel between the conditions in contemporary architectural design of the city, as well as the prevailing discourse of geography characterized by plural approaches of urban space. We used some ideas proposed by Baudrillard (1995) about the signs of consumption that aim at social distinction, as well as some discussions Claval (2011), Tuan (1980) and D'Alessio Ferrara (1999) to justify the plurality in the paradigmatic discussions of geography, especially on the urban space. Through a qualitative questionnaire, we attempted to extract the perceptual characteristics of the individuals on the context and the insertion of some buildings in central districts, articulating the sensations perceived in the light of the Gestalt. It is concluded that the main objective of these objects - to differentiate the landscape - was partially achieved, however, resulted in similar associations of ideas interviewed.

Keywords: post-modernist architecture, urban geography, environmental perception.

1 INTRODUÇÃO

Quando nos colocamos a caminho de um novo lugar, seja ele um parque, uma casa ou mesmo uma cidade, estamos nos permitindo experimentar uma realidade nova, a sentir o inesperado. O jovem adulto, que deixa sua pequena cidade e se põe a caminho da cidade grande, com suas aspirações de sucesso e sua ingenuidade provinciana, ansioso torna-se quando se depara com o caótico universo da metrópole. As pequenas casas, as ruas pouco movimentadas, a vizinhança toda conhecida reduzem-se a apenas lembranças posta à grandiosidade das avenidas congestionadas, dos infinitos desconhecidos, dos prédios que apontam para o céu. Sente-se algo. A cidade parece expressar, de alguma forma, que nela rege uma nova ordem, um novo ritmo, uma nova linguagem.

Dentre as diversas possibilidades em se perceber a cidade – seja em sua dimensão econômica, cultural, social ou mesmo morfológica – este trabalho visa discutir seu aspecto mais evidente para qualquer habitante: a dimensão arquitetônica.

Diferente do que acontece quando se contempla uma obra de arte, como um filme ou um quadro, por exemplo, que de acordo com a vontade do usuário é possível cessar determinada experiência, a dimensão arquitetônica da cidade é muito mais impositiva. Ninguém pode fechar os olhos diante das construções que constituem o palco da vida cidadina e que trazem a marca do homem no campo e na paisagem (ZEVI, 1996, p.2).

Esta dimensão arquitetônica da cidade, ao longo do século XX, se reinventou variadas vezes. Estes diferentes discursos moldaram-se de acordo com uma nova lógica vigente, ditada pelos avanços científicos e produtivos que a sociedade capitalista presenciou, principalmente a partir das Revoluções Industriais. Nos tempos hodiernos, a experiência estética do espaço retrata, segundo Baudrillard (1995, p.13), uma modalidade de consumo em muito valorizada: a produção e consumo de signos de prestígio, verdadeiros

distintivos de valor social.

Nesta perspectiva, este trabalho visa apresentar os principais traços dos discursos arquitetônicos que influenciaram o mundo capitalista no século XX: o modernista e o pós-modernista. Considerando que neste último há o aumento significativo em edificações que possuem em sua cerne um valor de troca antecedente ao valor de uso, esta pesquisa visa investigar quais os impactos que algumas edificações pós-modernistas presentes na cidade de Maringá (PR) realizam na percepção espacial de seus habitantes, definindo se estes novos elementos arquitetônicos configuram-se como marcos de destaque na paisagem e se refletem, de alguma forma, alguma mensagem específica para os seus habitantes.

As discussões propostas por Lynch (1980) sobre a *imaginabilidade* de uma determinada área serão utilizadas para a compreensão da importância destes elementos para a identidade destes espaços. Utilizou-se nesta pesquisa a confecção de esquemas mentais por parte dos usuários, que registraram as principais feições de destaque das edificações, cuja análise se deu sob a perspectiva da Gestalt.

Para a compreensão do contexto cultural presente na cidade contemporânea, que acarreta o surgimento de objetos arquitetônicos nada usuais, esta pesquisa se vale das discussões do sociólogo e filósofo Jean Baudrillard (1995), que considera estes elementos indicativos da lógica do capitalismo pós-industrial, cujo objetivo ultrapassa os valores da funcionalidade.

2 AS NOVAS ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DO ESPAÇO URBANO

Para Claval (2011, p.373) “a geografia é uma velha dama que, pelas metamorfoses sucessivas, não para de rejuvenescer”. Esta frase ilustra o espírito renovador da ciência geográfica ao longo de sua história, respondendo com soluções novas as complexas relações trazidas pela interação homem-meio. Considerando os diversos fatos históricos ocorridos no último século, a Guerra Fria pode

ser apontada como um dos principais impulsores das grandes mudanças nas abordagens geográficas, principalmente aquelas relativas às dimensões econômicas e culturais da sociedade (KOZEL, 2001 p.132).

O avanço tecnológico que possibilitou uma integração mais efetiva entre os espaços do globo promoveu o despontar de novos paradigmas, cujo caráter estatístico da Geografia, como bem aponta Claval (2011), fragmentava um espaço constituído tanto de matéria quanto energia em partes distintas, sobressaindo esse primeiro elemento sobre os demais.

Para a Geografia, as discussões que envolvem a percepção do homem sobre o espaço em que vive ganharam maior visibilidade a partir da segunda metade do século XX, onde o enfoque ‘humanístico’, como aponta Kozel (2001), enriqueceu as novas perspectivas geográficas considerando a subjetividade, a particularidade e a cultura impregnada no indivíduo como fator importante na análise do espaço geográfico. Um homem movido não só pela razão, mas que é “dotado de sentimentos, que reflete e crê” (KOZEL, 2001 p.132).

Segundo Claval (2011, p.238), “a exploração da experiência que os homens têm do mundo libera a Geografia de obstáculos e complexos que a paralisavam”. A observação, descrição e comparação de diferentes povos, sob a perspectiva de que estes tinham concepções distintas de seus espaços, proporcionou à Geografia um novo impulso renovador. Claval (2011) aponta ainda que apesar das críticas aos modelos iniciais desta Geografia Humanística, muito se tem difundido pelos novos geógrafos e muito foi aprimorado. Um dos mais importantes trabalhos desta nova fase da Geografia é marcado pela obra do urbanista Kevin Lynch em “A Imagem da Cidade”, cujas ideias foram amplamente difundidas após sua publicação em 1960.

Em seu trabalho, Lynch se valeu da confecção de mapas mentais por parte de diversos habitantes de uma cidade, no qual através destes se exploravam os principais marcos de destaque na paisagem urbana,

buscando a ‘essências’ que garantiam as singularidades destes espaços. Apesar de a proposta parecer, em um primeiro momento, ‘ingênuo’, esta perspectiva – de valorizar identidades das cidades – ilustra uma mudança de grande impacto no discurso urbanístico do século XX.

A partir de 1970, o geógrafo Yi-Fu Tuan publica uma série de obras que exploram a construção da percepção dos lugares perante o indivíduo, considerando fatores culturais, sociais, econômicos e biológicos.

A geografia começa a criar vínculos e novos diálogos mais efetivos com outras ciências, tal como a Psicologia, a Semiótica, a Linguística e outras, gerando novos caminhos e novos paradigmas de se abordar o espaço, em especial os espaços antrópicos, que em sua maior escala se define principalmente no ambiente urbano.

As discussões pautadas neste trabalho são provas claras da efetivação desta abordagem plural da Geografia contemporânea. Os mapas e representações mentais, usadas por diversos psicólogos há décadas, como aponta Barroco (2009) e também por urbanistas, a exemplo de Lynch, são utilizados como ferramenta para a compreensão mais subjetiva destes espaços. A psicologia tem oferecido discussões valiosas não só à geografia, como também a Cartografia, a Semiótica e as Ciências Sociais.

A Gestalt, que realiza o estudo das formas considerando a percepção humana sob seus princípios fisiológicos, como aponta Santil (2008) e Gomes Filho (2001), tem demonstrado novas dimensões sobre a realidade observada que ampliam os horizontes de pesquisa de geógrafos e urbanistas.

Assim, as diversas correntes permitidas à Geografia realizar seu percurso resulta, em sua totalidade, novas formas de se observar os fenômenos geográficos, se valendo também da perspectiva humana, exemplificada neste trabalho pela percepção destes espaços urbanos produzidos sob uma nova ótica social, política e, conseqüentemente, arquitetônica. Claval (2011, p.237) afirma que “a paisagem é semeada de símbolos”, sendo estes construídos

sob a égide de diversos contextos políticos, econômicos e culturais.

Este novo contexto da geografia possibilitou que temas transversais pudessem se desenvolver com maior liberdade. O espaço urbano, por exemplo, pode ser analisado sob vários ângulos, sendo este trabalho uma proposta para tal.

3 O DISCURSO ARQUITETÔNICO E OS REFLEXOS FORMAIS NA CIDADE

A partir do final do século XIX, mais destacadamente na primeira metade do século XX, uma corrente de pensamento denominada ‘modernista’ influenciou o modo na qual se tratava as artes, a filosofia e mais especificamente, a arquitetura.

Escritores, pintores e artistas plásticos mudaram a forma de conceber suas criações, com um discurso que invocava um novo tempo, uma nova necessidade. A arquitetura não assumiu um papel de neutralidade neste período.

O movimento modernista na arquitetura concretizou no espaço urbano uma forma em muito contrastante de pensar, sentir e idealizar o espaço, deixando de lado todas as ‘balseiras históricas’¹ consideradas no projeto do meio, abandonando o respeito aos estilos neoclássico e gótico de se pensar a arquitetura, como bem aponta Gay (2009 p. 277-279). As revoluções industriais haviam trazido novas necessidades – tanto produtivas quanto sanitárias – que necessitavam de novas formas de solucionar estes problemas, baseando-se no princípio ‘funcional’ e não propriamente no ‘simbólico’ (RAJA, 1986).

Raja (1986) justifica estas novas possibilidades técnicas construtivas possibilitadas pela Segunda Revolução Industrial, dentre elas o desenvolvimento do concreto armado, o que permitiu a liberdade em separar a estrutura da vedação. Em sua dimensão física, que considera todas suas características arquitetônicas, a cidade contemplava os ideais tecnocêntricos de arquitetos como Le Corbusier, Mies van der Rohe, Walter Gropius e outros, que julgavam o desenvolvimento científico acentuado pelas

Revoluções Industriais um novo paradigma a ser seguido no projeto do meio. Harvey (1992, p.227) aponta que deste modo, “o ‘espaço e o tempo’ tinham que ser organizados, não para refletir ‘a Glória de Deus’, mas sim a emancipação humana”.

O uso de formas geometricamente simples, a reutilização de materiais como o aço e o vidro e a utilização de novos métodos construtivos, a busca por soluções universais, pelo ritmo e pelo controle do espaço mudaram as feições urbanas deste período. Arranha-céus com aspectos totalizadores surgem nas principais cidades norte americanas, levantando verdadeiros símbolos do poder capitalista sobre paisagens relativamente austeras (HARVEY, 1992).

O ideal modernista da funcionalidade regia a construção de uma nova poesia do espaço urbano, em que o homem – em meio a suas particularidades culturais, sociais e econômicas – era compreendido como um ‘modelo ideal’, ou seja, homogêneo e comum a todos os ambientes do planeta. Costa Gomes (2007 p. 19) salienta alguns pontos de destaque nesta fase da arquitetura:

Neste programa tudo era funcionalidade e racionalidade, ou seja, a justificativa de uma forma se baseava em sua performance funcional e a expressão estética deste “purismo” racionalista se traduziu pela predominância das linhas retas, dos largos horizontes, desprovidos de qualquer ornamentação inútil ou injustificável.

Seria um erro, como aponta Lynch (1981), acreditar que as forças que operam mais radicalmente na cidade sejam impessoais. Segundo o autor, são os homens que modificam seus meios, regidos sempre por objetivos e ideologias muito claras. Harvey (1992) complementa estas ideias citando algumas proposições de Marx, nas quais se relata a grande diferença entre uma abelha e um arquiteto: para ele, o arquiteto constrói na sua imaginação o seu projeto antes de colocá-lo em prática. A abelha, regida por instintos naturais, não. Desta forma, mudanças na maneira de pensar, imaginar e planejar estão fadadas a terem consequências materiais.

Os mesmo rígidos valores e ideais que constituíram a essência do movimento modernista podem ter sido, segundo Harvey (1992, p.69), os grandes motivadores do seu esfacelamento. A monotonia reclamada pela crescente participação dos jovens no mercado de consumo beneficiou a instalação de novos padrões consumistas, estéticos e, de maneira geral, culturais (RAJA, 1986). A arte *pop*, os avanços tecnológicos e as manifestações da juventude por liberdade no pensar e agir – que indicavam uma mudança radical no discurso vigente – alteraram significativos valores da sociedade, sobretudo estéticos. A estas mudanças ocorridas após a década de 50, diversos autores apontam como reflexo de um novo momento – econômico, social e cultural – denominado *pós-modernismo*.

No que se refere à arquitetura, pode-se afirmar que o pós-modernismo buscava formas para impressionar os habitantes da cidade através de uma estética que, ao contrário do modernismo, não contava com a padronização, mas com a repaginação de elementos de períodos anteriores da arquitetura, tais como frontões, colunatas, óculos, entre outros, além da inserção de elementos caricatos, valorizando a ornamentação como elemento diferenciador. Costa Gomes (2007, p.21) ressalta:

Eles [o movimento modernista] pressupunham o papel mediador da razão e da lógica na representação das significações dos conteúdos, enquanto na proposta pós-moderna as significações devem ser fluidas, mutantes e permanentemente reatualizadas.

De maneira geral, o autor aponta a proposta modernista em associar significados aos conteúdos ligados à funcionalidade foram substituídas por signos mutáveis e complexos.

Harvey (1992, p.76) salienta que “na superfície, ao menos, parece que o pós-modernismo procura justamente descobrir maneiras de exprimir esta estética da diversidade”. No discurso arquitetônico, a forma de se transmitir estes novos ideais menos rígidos herdados pela modernidade foi mais bem percebida na década de 70.

Seria um erro homogeneizar os frutos do movimento modernista e pós-modernista – sobretudo deste último, que preza pela complexidade e contradições da arquitetura, como bem aponta Venturi (2004). Rego (2008) salienta que a arquitetura modernista no Brasil internalizou características muito particulares, porém fortemente influenciadas pelos estatutos de Le Corbusier. Hoje, segundo Rego (1999, p. 8), vivemos uma época marcada pela ambivalência, pela incerteza, pela tolerância de padrões e valores distintos. Destaca ainda o mesmo autor:

No panorama que a produção arquitetônica nos apresenta hoje vemos, entre a herança do movimento moderno, marca sem dúvida alguma da arquitetura do século XX, negação, inovação e muita revisão. Pauta-se, a arquitetura contemporânea, pela ausência de um paradigma comum. Arquiteturas, no plural, apresentam formas e métodos diferentes. Tamanha liberdade não é paralisante? A menos que a sintonia voluntária com um destes ‘modelos’ ou a aceitação do ecletismo estabeleçam e fomentem a criação da nova arquitetura (REGO, 1999 p.8).

Nestas linhas torna-se evidente o novo momento em que se encontra a arquitetura e, não obstante, a manipulação do ambiente urbano.

A arquitetura pós-modernista alastrou-se por todo o território nacional, sendo mais bem percebida em edifícios públicos, prédios e praças. A cidade de Maringá, localizada ao norte do Paraná, não é exceção a este período da arquitetura.

Considerada uma das cidades planejadas do estado, Maringá abriga em seu território algumas edificações que fogem as regras convencionais de se conceber o espaço urbano. Alguns prédios, localizados principalmente nas áreas mais centrais da cidade, apresentam características peculiares e incomuns se comparados aos padrões arquitetônicos de outras edificações da cidade, como exemplifica a Figura 1.

No entorno da Avenida Brasil, mais precisamente próximo a Avenida Herval, encontram-se diversos edifícios pós-modernistas. O uso de artifícios como coroamentos, elevadores panorâmicos, janelas

em ângulos diferenciados e arcos circulares em algumas fachadas são algumas das estratégias adotadas pelos arquitetos para tornar o espaço urbano mais eclético e chamativo.



Figura 1: Elevadores panorâmicos e coroamento. O ornamento mostra-se ferramenta de distinção na paisagem maringaense.

Fonte: acervo dos autores (2011)

4 O PAPEL POLÍTICO DO SIGNO ARQUITETÔNICO

Paralelamente ao discurso dos arquitetos, que como exposto anteriormente se reinventaram sob a influência de novos contextos sociais, produtivos e culturais, há também uma acentuação no papel político que estes signos exercem sobre a sociedade, principalmente em seu momento mais atual do modo de produção capitalista. Serão realizadas, a seguir, algumas discussões baseadas nas obras do filósofo Jean Baudrillard, que considera toda produção artística, intelectual e científica, fundamentalmente criadas sob a égide do valor de troca, não sobre o valor de uso.

Em uma sociedade estratificada, segundo o autor, torna-se necessário que as classes mais favorecidas expressem seu prestígio e seu poder criando signos majoritariamente distintos (BAUDRILLARD, 1995, p.32). Estas discussões aproximam-se do objeto de estudo quando analisamos tais edificações.

Na Figura 2, retrata-se um exemplo presente na cidade de Maringá (PR), de como a arquitetura pode ser usada como ferramenta de particularização dos espaços. O sítio urbano, onde se localiza este objeto, se faz próximo de umas das principais avenidas da cidade, a avenida Brasil. Em uma rua perpendicular, cerca de dois quarteirões acima desta, encontra este edifício com salões comerciais em seu térreo e, acima, cinco andares de apartamentos.

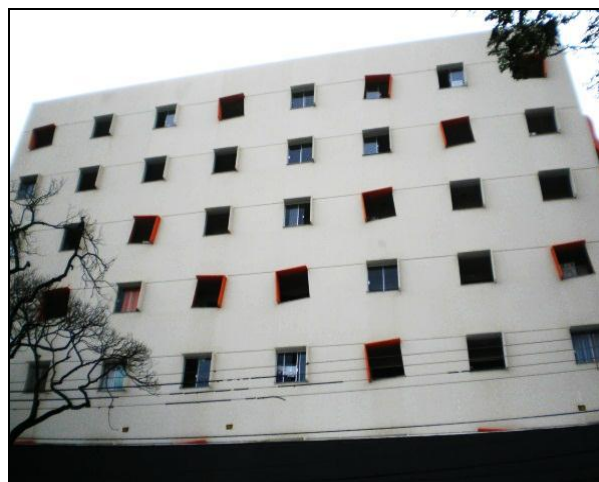


Figura 2: Um exemplo de edificação de caráter pós-modernista na cidade de Maringá (PR). Nota-se, em um primeiro momento, um incômodo visual, seguidamente acompanhado da percepção de que as janelas laranja estão tortas.

Fonte: acervo dos autores (2011)

A primeira questão formulada sobre tal objeto se dá, fundamentalmente, ao motivo que levou esta a presença de janelas em ângulos predominantemente incomuns. As linhas retas, soberanas nas maiorias das construções humanas – cujos estudos já revelaram sobre seu papel psicológico em tornar um ambiente mais confortável e de fácil compreensão (EKAMBI-SCHMIDT, 1972) – são desafiadas com um objetivo muito claro: prender a atenção do usuário.

Baudrillard (1995 p.52) se envereda em alguns aspectos dos objetos de consumo arquitetônicos. Primeiramente, o autor traça um paralelo entre o papel da ‘casa’ na França e nos Estados Unidos. Enquanto nessa a moradia é vista ainda como um verdadeiro *habitat*, no qual a família, com o passar das gerações constrói suas identidades vividas sobre um

objeto visando sua transformação em um membro “do próprio corpo” – que segundo o autor o tira da função econômica que a maioria das residências hoje privilegiam – nos Estados Unidos, entretanto, a casa é vista como um signo de expressão social. Desta forma, o sucesso profissional de uma família que aumenta seus dividendos e sobe na pirâmide social provavelmente terá sua casa transformada como um distintivo de sucesso, voltada em primeiro lugar para a sociedade e não à família. Estas definições psíquicas abordadas pelo autor ilustram brilhantemente o estatuto simbólico que envolve a sociedade de consumo, que busca cada vez mais o consumo do prestígio social.

Segue, através da Figura 3, outro exemplo do papel social que o signo arquitetônico assume no mesmo município.



Figura 3: Edifício presente na cidade de Maringá. É possível distinguir seu caráter residencial ou comercial? Os seus habitantes parecem pertencer a uma classe social específica?

Foto: acervo dos autores (2011)

As funções da casa, em abrigar, proteger e dar conforto aos seus habitantes parecem não ser, à primeira vista, os objetivos estampados neste objeto. Qual seriam então os objetivos a serem atingidos com tais formas, se não meramente servirem como distintivos

sociais? Por mais incomuns que sejam estes padrões à nossa concepção de casa, é possível notar que seus moradores ou futuros moradores estão em classes sociais mais elevadas.

Baudrillard (1995, p.32) aponta, inclusive, que os belos objetos modernos e estilizados, são criados primeiramente para não serem compreendidos pela maioria, pelo menos imediatamente, com uma função puramente de distinção social. Evita-se a redundância. Portanto, se fizermos uma analogia entre o público-alvo e seus objetos de consumo, o padronizado, o comum e o esperado são tipicamente pertencentes à massa social – majoritariamente localizadas na base da pirâmide das classes.

Lynch (1981 p.135) comunga destas ideias. Segundo o autor, as diversas classes se identificam pela produção de signos característicos de seu próprio grupo, que de maneira geral torna-se ilegível para um observador não-familiar.

Para a Geografia, uma ciência que analisa as paisagens, estes elementos podem ser fortes indicativos de estratificação social acentuada. Alguns estudos, como os de Kozel (2001) e Muller (2004) apontam que os agentes produtores destes aspectos particulares presentes em uma cidade podem sugerir uma ideologia de um grupo específico. O formato das estações-tubo presentes na cidade de Curitiba, por exemplo, como aponta a segunda autora, transferem aos moradores um aspecto de modernidade à cidade, sem que este seja, necessariamente, verdadeiro. A forma espacial, segundo Lynch (1981 p.135), “pode ser manipulada para suprimir ou controlar este discurso espacial”, permitindo que este se modele para atingir objetivos de classes específicas em valorizar, camuflar ou expressar algum interesse em comum.

5 A PERCEPÇÃO ESPACIAL E OS ESTÍMULOS DA URBE

Os elementos que compõem o espaço urbano alteram-se na medida em que usuários, de perfis diversos, realizam suas leituras associando novos significados a estes

elementos, revitalizando e reformando os conteúdos da cidade, como apontam Tuan (1980), Lynch (1981) e D'Alessio Ferrara (1988).

Tuan (1980) afirma que a associação de fatos históricos entrelaçados a um determinado lugar, bem como o conhecimento e a pré-disposição do observador em 'enxergar' um ambiente, pode tornar a experiência perceptiva com um determinado lócus muito mais intensa focando sua observação a detalhes que, simplesmente, não seriam buscados por um observador em um lugar comum.

Segundo Tuan (1980, p.32), as formas arquitetônicas despertam nos observadores diferentes reações sinestésicas. Elementos verticais podem evocar o desafio de gravidade, de esforço, como os elementos horizontais tornam sugeridos sentimentos de descanso e aceitação. Isto se torna empírico, segundo o mesmo autor, na forma com que utilizamos as palavras para descrever tais objetos. Além disso, as cores utilizadas para sua ornamentação possuem significados intrínsecos na cultura humana, principalmente quando consideramos o hemisfério oriental (TUAN, 1980, p.27-28).

A maneira com que a percepção humana reage aos estímulos do ambiente não é limitada somente a sua matriz cultural. Tuan (1980) enfatiza que as diferenças fisiológicas na raça humana, no que se refere a deficiências ao desenvolvimento incomum dos sentidos, alteram significativamente as relações topológicas em seus usuários: a visão periférica, a necessidade de uso de óculos e outras deficiências que atingem os órgãos sensoriais podem tornar a experiência com o espaço fortemente diferenciada.

Outro ponto importante para Tuan (1980) se remete ao tempo de residência de um indivíduo a um determinado ambiente. Existe uma diferença considerável da perspectiva entre um morador e um turista, ao passo em que este reduz sua experiência ao estímulo visual à composição de quadros. O morador, entretanto, possui uma "atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente" (TUAN, 1980, p.72), que se pode expressar somente com certa dificuldade,

sendo necessário observar seu comportamento, a tradição local, o conhecimento e o mito. Estes condicionantes inserem novos significados aos elementos que serão internalizados, que de acordo com o histórico cultural e a fisiologia do usuário, podem alterar a maneira com que o usuário reage a um determinado estímulo do meio.

Ambientes conhecidos passam uma sensação de segurança ao observador (LYNCH, 1980, p.4). A criação de mapas mentais bem definidos leva o indivíduo a se deslocar e explorar um local com maior facilidade, tendo como pontos de referência elementos que podem, ou não, serem fortemente legíveis. Legibilidade, segundo Lynch (1980, p.11), é um atributo característico ao observador que, segundo critérios perceptivos quanto cor, forma ou disposição de elementos na cidade, pode evocar uma forte imagem do ambiente, tornando passível de serem adequadamente lembrados pelos usuários.

Segundo Lynch (1981 p.135):

Ao abrigo da agradável ilusão de que o significado reside no objeto, [estes arquitetos contemporâneos] jogam um jogo exotérico, cujas mensagens podem rapidamente terminar ou tornar-se incompreensíveis assim que tiver terminado o choque.

Neste trabalho, estas formas 'ecletticas' foram analisadas sobre o prisma da Gestalt, que segundo Gomes Filho (2000), em linhas gerais, trata o motivo de que algumas formas agradam mais que outras, tornando-as passíveis de serem reproduzidas posteriormente, mesmo na ausência do estímulo. Considerando os processos fisiológicos do sistema nervoso para se estruturar, a Gestalt considera a percepção do "todo", pois "a primeira sensação já é de forma, já é global e unificada" e não das 'partes' (GOMES FILHO, 2000, p.19).

Aponta ainda o mesmo autor:

A hipótese da Gestalt, para explicar a origem destas forças integradoras, é atribuir ao sistema nervoso central um dinamismo auto-regulador que, à procura de sua própria estabilidade, tende

a organizar as formas em todos coerentes e unificados (GOMES FILHO, 2000 p.19).

Através de suas leis desenvolvidas durante o século XX, como unidade, segregação, continuidade, fechamento, pregnância e outras, a Gestalt será utilizada nesta pesquisa para sistematizar os estímulos das edificações analisadas, apontando as características suscitadas pelo sistema nervoso dos participantes.

6 MATERIAIS E MÉTODOS

A linguagem arquitetônica, por fins diversos, consegue transpor uma mensagem de maneira muito incisiva, mas, será que existe uma mensagem em comum repassada aos observadores? De que forma ela é alcançada?

As estratégias para responder a estas questões são diversas. Nesta pesquisa, foram elaborados questionários de caráter qualitativo que suscitasse nos participantes a extração de sua percepção sobre os ambientes, tendo em vista sua utilização durante a aplicação do questionário.

Dados os objetivos do trabalho, que necessitam de um grau elevado no detalhamento das respostas, a abordagem analítica se deu predominantemente qualitativa.

Para sua elaboração, foram coletados os dados dos participantes relativos à idade, tempo residente em Maringá, ocupação atual, nível de escolaridade e bairro residente. Estas informações tornam-se úteis na medida em que se tentou traçar os perfis dos participantes no que se refere ao uso de determinados espaços da cidade: quanto maior for o contato com determinado ambiente, mais este se tornará comum na elaboração de seus esquemas mentais, e, de acordo com Tuan (1980), os fatores de destaque da paisagem terão seus efeitos em uma menor intensidade.

Os participantes foram levados individualmente a um ponto em comum: o shopping Avenida Center, localizado na Avenida São Paulo, um dos pontos de maior centralidade da região. Dele, seria iniciada uma trajetória por caminhos comuns, que

contornariam os objetos de estudos em variadas posições.

Assim como Lynch (1980) propõe em sua metodologia a criação de mapas pelos usuários que evidenciassem seus esquemas mentais da cidade, esta pesquisa utilizou-se da criação destes esquemas como ferramenta para a interpretação dos pontos comuns dos objetos em estudo. De início, era pedido que o participante desenhasse um modelo que caracterizasse um edifício comercial e outro residencial. Através destas figuras, seria possível compreender quais os critérios e esquemas mentais que cada participante teria para a identificação e diferenciação destes, que possuíam características arquitetônicas distintas dos objetos selecionados para a avaliação. Após o desenho, o participante explicaria quais as diferenças significantes entre tais representações.

Em seguida, foi iniciado um trajeto percorrido a pé, contornando avenidas e deslocando indiretamente aos ambientes onde a visibilidade dos edifícios, antes impossibilitados de serem vistos, pudessem aos poucos serem revelados. Durante o percurso, algumas perguntas quanto à frequência de uso e o modo de deslocamento dos ambientes traçados delineavam se tais regiões eram do cotidiano ou não dos indivíduos.

Tuan (1980, p.17) aponta que os objetos percebidos pelos seres humanos dependem do “tamanho do nosso corpo, à acuidade e amplitude do nosso aparelho perceptivo e ao propósito”. Tendo em vista estes indicadores, os participantes eram aconselhados a observarem seu entorno e falarem a seu respeito.

Em determinados trechos, o entrevistador questionava se tal setor possuía algum uso específico, se aparentava ser um ambiente seguro ou simplesmente se a arborização era suficiente para definir características de conforto térmico adequados. O objetivo destes questionamentos era descobrir como a percepção do usuário o levava a avaliar tais ambientes, que aos poucos traçariam uma visão conjunta da função mais específica do bairro onde se encontram os objetos de estudo.

Levados a um ponto em comum, que daria uma visão vasta dos entornos do determinado bairro, era iniciado um questionário mais específico, que buscavam indiretamente a evidência do primeiro edifício na paisagem – buscava-se o *propósito*, destacado por Tuan (1980), como um dos fatores fundamentais dos objetos alcançados pela percepção. A trajetória e os pontos de observação são ilustrados na Figura 4.

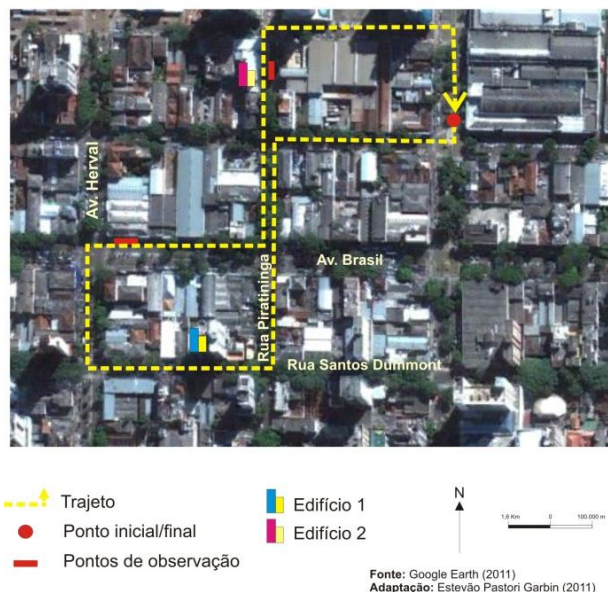


Figura 4: Trajetória, pontos de observação e localização dos objetos analisados

Além da frequência e modo de deslocamento, o participante era questionado sobre as características do local: seus principais usos, o tipo de público que provavelmente se apropria do local, o fluxo de automóveis na região, dentre outros. Como bem aponta Lynch (1981, p.131) é preciso avaliar se há uma correspondência entre a forma abstrata de um local com a forma abstrata de suas funções.

Em seguida, o participante com o auxílio de uma câmera fotográfica digital Olympus modelo x-40, registrou o fragmento do bairro que melhor o representasse. A visão panorâmica possibilitada pelo ponto escolhido para a fotografia pode ser avaliada pela Figura 5. O objetivo desta etapa era perceber em que se embasava a percepção do indivíduo em um fato concreto do bairro, como também notar se o objeto de estudo seria considerado para a

fotografia como composição elementar do determinado cenário urbano. Após a foto, o usuário era questionado sobre o motivo que o levou a registrar determinado recorte.

Cabe, aqui, levantar alguns pontos triviais à pesquisa relativas ao registro fotográfico. D'Alessio Ferrara (1999 p. 107) diferencia duas dimensões essenciais da percepção semiótica: o *percepto* e o *juízo perceptivo*.

O *percepto* configura-se como um objeto que não permite o conhecimento ou a consciência pelo qual se constrói. A autoria exemplifica este fato mostrando que, ao pedir que um usuário fotografe seu transporte urbano, primeiro o usuário registra seu próprio automóvel, sua bicicleta ou o ônibus. Este ato “espontâneo” e “incontrolável” não agrega a consciência, mas somente sua ação perceptiva, compreendida aqui como o ato realizado automaticamente pelos órgãos sensoriais (D'ALESSIO FERRARA, 1999).

Já o *juízo perceptivo* é uma percepção que depende da inserção de significados ao objeto indicado, podendo criar condições que o distinguem de outros da mesma categoria.

Por exemplo, “um edifício” pode tornar-se “o edifício azul” a partir do momento em que é lhe atribuído significados e em que se torna possuidor de valores distintos para quem o percebe. D'Alessio Ferrara (1999 p. 108) aponta também que “esse valor é uma operação perceptiva mais complexa, estimula a atividade do receptor, e a seleção da experiência é a marca desse convite”. Desta forma, a associação de significados comuns a dois ou mais elementos de categorias distintas podem apresentar novas possibilidades interpretativas ao observador.

Assim, as explicações e a maneira com que o participante evidencia os critérios para a realização do registro fotográfico, utiliza seu juízo perceptivo para apreender um recorte da cidade, recorte este que poderá contar, ou não, com os objetos de estudo deste trabalho.

Sucedendo a explicação da fotografia, o indivíduo era questionado sobre algo de destaque em seu campo de visão, abrangendo uma loja específica, uma campanha publicitária a mostra ou simplesmente uma



Figura 5: Visão panorâmica e objetos passíveis de serem destacados pelo usuário.

árvore que lhe causasse alguma reação ou que apresentasse algum significado. Caso o edifício em estudo fosse ou não o motivo de destaque, o mesmo seria indicado para questionamentos ainda mais específico.

Após sua indicação, perguntou-se ao participante se já havia notado determinado edifício na paisagem urbana. Caso tenha ou não sido motivo de destaque, o usuário seria levado a descrever os pontos de maior destaque da edificação. Em uma lista contendo 10 itens específicos e uma opção aberta, o participante demarcaria os que considerassem de maior aptidão, dentre eles:

a) *Bonito* ou *feio*: sabe-se que estes adjetivos tornam-se muito alheios à compreensão do usuário. O objetivo destes itens não é estipular o grau de aceitação estética do edifício, mas encaminhar a percepção do usuário a compreender melhor a forma com que tal elemento é categorizado pelo indivíduo;

b) *Comum* ou *incomum*: este item tem como objetivo saber se o referido elemento é motivo de destaque na paisagem, comum ou incomum ao entorno no qual está inserido. Sabe-se que o grau de especificidade de um determinado objeto ou fenômeno diminui a medida com que se aumenta o contato com este, como aponta Tuan (1980). Por isto, este item estaria em consonância com o tempo e frequência com que o indivíduo utiliza tal espaço urbano;

c) *Sério* ou *engraçado*: pela característica do uso de cada edificação, pode-se notar que tais objetos podem conotar reações sinestésicas aos observadores (TUAN, 1980, p.32). Esta opção torna-se mais evidente quando observada o comportamento do indivíduo ao se deparar com determinado objeto. Desta forma, a opção engraçado estaria

relacionada às manifestações verbais, faciais e corpóreas do participante que suscitasse tal reação;

d) *Moderno* e/ou *futurista*: o conceito de ‘moderno’ pode variar substancialmente na percepção das pessoas. No questionário, quando selecionado, cada participante explicou seu ponto de vista sobre a palavra. Quando expressado o sentimento de algo ‘além do tempo presente’, no sentido de se mostrar revelador ou modelo futuro para algo, a opção ‘futurista’ também foi marcada;

e) *Outro*: a impressão imediata de determinado objeto poderia sugerir expressões ou adjetivos não presentes na lista. Quando estes fossem evocados, foram selecionados como uma opção frente às existentes.

Em seguida, o participante era questionado sobre qual o provável público que utilizaria tal edificação, além do caráter de determinada edificação, sendo este residencial ou comercial. Após isto, o usuário comentaria sobre sua preferência em habitar ou trabalhar no determinado edifício, seguido de uma breve justificativa. O participante também foi questionado quanto à segurança, conforto térmico e acústico, para evidenciar sobre o grau de relação do edifício com seu entorno.

Através destas respostas, bem como das expressões faciais, verbais e corporais, o indivíduo foi levado a delinear com maior nitidez sua percepção sobre determinado objeto. Estas informações, indispensáveis para esta pesquisa, só se tornam possível em um questionário de caráter qualitativo, posto que a quantificação de opções fechadas não consideram o caráter subjetivo que as respostas podem apontar (SUCHAN E BREWER, 2000).

Após tais apontamentos, o participante era levado ao próximo edifício, que se

encontra em um sítio urbano mais arborizado, e, devido a suas dimensões volumétricas menores, menos evidenciadas no entorno urbano.

Pelo trajeto, seguiam-se as questões levantadas em momentos anteriores, até que tal edifício ficasse à frente do campo de visão do participante. Notado naturalmente ou não, parava-se à sua frente e um novo questionário semelhante ao primeiro edifício era aplicado.

No fim, o usuário era levado ao ponto inicial, o shopping Avenida Center, onde o campo de visão impossibilitava a vista dos dois edifícios. A partir daí, pediu-se que o usuário desenhasse os edifícios, iniciando do primeiro, atribuindo ao final um nome que o melhor caracteriza-se. O objetivo desta etapa final era evidenciar os itens edificadas de maior destaque nos usuários, buscando identificar os principais elementos que se prendem à percepção do indivíduo. A atribuição do nome ao edifício revelaria o caráter subjetivo despertado nos usuários, que sintetizaria todas as observações levantadas até a etapa final.

As formas principais destacadas pelos indivíduos, ao final, foram analisadas sob o prisma da Gestalt, no que tange às suas leis, propriedades e categorias conceituais, que apontariam seu caráter de alta ou baixa pregnância, o que indica sua potencialidade em permanecer na memória do observador, sendo passível de ser reproduzida.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Outrora já citado, participaram da pesquisa seis pessoas, número que possibilitou a consideração e observação mais detalhada da forma com que o participante respondia aos

estímulos do meio. Os detalhes observados não se limitaram somente aos verbais como também faciais. A Tabela 1 ilustra o perfil dos participantes.

Os participantes, em suas representações sobre um modelo de edifício comercial, apontaram diversos pontos em comum. A presença de vitrines em seu primeiro pavimento, a ausência de sacadas e o caráter menos restritivo destas edificações foram pontos fundamentais em todas as representações, como ilustra a Figura 6.

No que se referem aos edifícios residenciais representados, todos os participantes destacaram seu caráter mais restritivo, com a presença de janelas menores, posto seu caráter mais *reservado*. A presença de sacadas, apesar de não terem sido representadas graficamente por nenhum dos participantes, foi citada como um dos elementos diferenciadores entre tais edificações. Alguns exemplos podem ser conferidos na Figura 7.

Tais representações elucidam a maneira particular com que cada indivíduo, ao longo de sua vida, tem construído as imagens mentais no que se refere a edifícios comerciais e residenciais, destacados pela soberania das linhas retas e da ausência de elementos incomuns nas fachadas, presentes nos objetos de estudo desta pesquisa.

7.1 A percepção do trajeto e do primeiro objeto de pesquisa

Durante a primeira parte do trajeto, que terminou em um ponto da Avenida Brasil, os participantes elucidaram a frequência no qual realizavam o percurso na cidade, como aponta a Tabela 2.

Tabela 1: Perfil dos participantes do questionário

Participante	Idade	Tempo residente em Maringá	Escolaridade
A	22	nato	Superior incompleto
B	34	nato	Superior incompleto
C	27	nato	Superior incompleto
D	19	3 anos	Superior incompleto
E	27	1 mês	Superior completo
F	19	2 anos	Superior incompleto

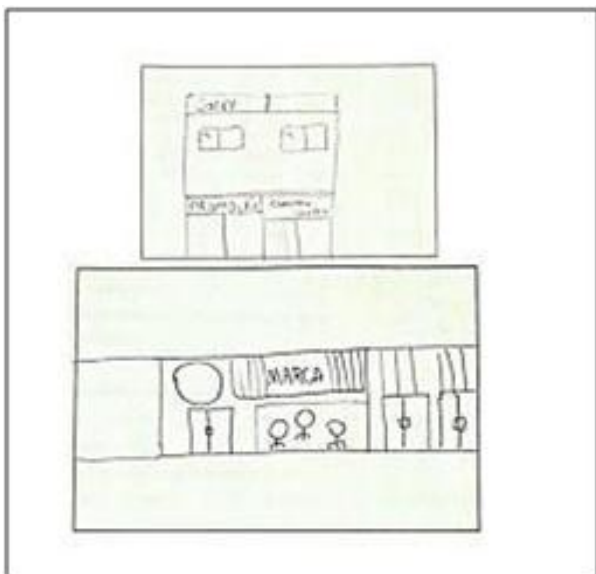


Figura 6: Desenhos representativos de um edifício comercial

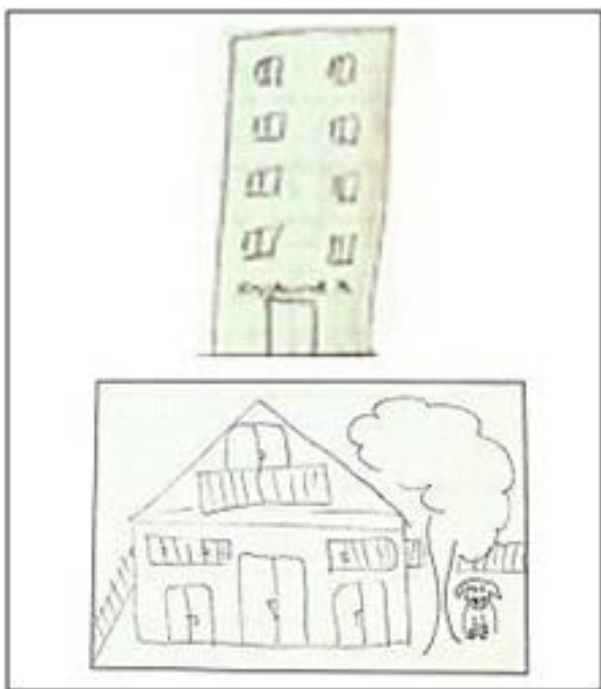


Figura 7: Os dois principais tipos de representações de edifícios residenciais

Estas informações foram úteis para delinear o tempo com que cada participante se utiliza destes lugares, o que pode influenciar nos pontos de maior destaque explicitados.

Os motivos que levam os participantes a frequentarem tais espaços é de extrema importância: apenas o participante B passa por tal trajeto sem um objetivo de comprar um produto específico na região, praticando exercícios físicos e contemplando a paisagem.

O período noturno, destacado pelo referido entrevistado, foi o único citado, relacionado ao tráfego diminuído, o que facilitaria seu deslocamento como ciclista. Este dado pode alterar significativamente a percepção do indivíduo, posto que a luminosidade diminuída pode acarretar diferentes graus de visibilidade, escondendo algumas feições dos edifícios e revelando outras faces do espaço.

O modo com que os participantes lidam com o espaço se relacionaram fortemente com seus objetivos ao frequentarem tais ambientes. Devido à busca por uma determinada loja, os usuários não se demonstraram a contemplar o ambiente, pelo menos em suas diversas dimensões, se atentando somente ao trajeto que deve ser realizado, ao trânsito e as vitrines, que diminuem seu foco do horizonte ou para os elementos mais verticalizados. A topografia plana e o acentuado número de árvores também são fatores importantes para afetar o campo visual dos entrevistados.

Nenhum dos participantes destacaram o edifício 1, indicado na Figura 8, como objeto de destaque quando questionado sobre os elementos da paisagem presentes na rua Santos Dummont, onde seu acesso torna-se possível. Além disso, somente dois entrevistados (A e E) haviam percebido tal edificação previamente.

Sobre tal objeto, é importante destacar que cinco dos seis participantes o consideraram de caráter comercial. Estes também o apontaram como *incomum*, *bonito* e *moderno*. Cabe ressaltar que grande parte dos indivíduos definiram o termo ‘moderno’ como algo ‘não convencional’. O público que o frequenta foi majoritariamente definido como classe média e alta, como também aparenta ter um conforto térmico agradável, posto a presença de climatizadores.

Quanto a esta última característica, um ponto importante foi apontado por alguns participantes. A cor azul, apesar de ser impregnada em vitrais, fortaleceu a impressão de que tal edificação era um ambiente mais frio se comparado ao seu entorno. As associações entre o ‘frio’ e o ‘azul’ podem ser facilmente compreendidas pela relação

Tabela 2: Frequência e modo de utilização dos espaços durante o mês

Participante	Frequência	Deslocamento
A	Poucas vezes no mês	Ônibus e moto
B	1 a 3 dias por semana	Bicicleta
C	Ocasionalmente (poucas vezes no mês)	A pé
D	Raramente	A pé
E	1 a 3 dias por semana	A pé
F	Raramente	A pé



Figura 8: O edifício 1, em cor azulada, contrastando com outros edifícios de arquitetura mais ‘convencional’

próxima que parecem possuir. As estratégias que cada indivíduo utiliza para buscar similitude entre o significante o significado variaram indefinidamente, porém, Tuan (1980, p.27) aponta as relações das culturas ocidentais e orientais entre cores e sentimentos.

As feições principais destacadas pelos participantes em suas representações gráficas apontaram em sua grande maioria a cor azul como principal fator de destaque, seguido pelos detalhes em branco, com formas que fazem lembrar uma escada. Os nomes atribuídos ao edifício refletem tais significados, como por exemplo, “Edifício Lago Azul”, “Blumoon” e “Turquesa”. Além disto, nomes como “Edifício Centro Empresarial”, “Dubai” e “Antares”, segundo

confirmação verbal, expressam o caráter elitizado e excêntrico que tais formas sugerem. Algumas representações podem conferidas na Figura 9.

Sob a perspectiva da Gestalt, o edifício é exemplificado pelos conceitos de proximidade e reforçado pela semelhança. As cores e as formas semelhantes causam boa unificação, sendo possível dividir o edifício em dois principais grupos, distinguindo-os pelas cores e unindo-os pela proximidade. O elevado grau de organização formal e o equilíbrio visual, que é facilmente separado do seu entorno, torna tal edificação com caráter de alta pregnância, mas dentro de seu contexto, sem um propósito do usuário em contemplar a paisagem, o mesmo se mostrou indiferente aos participantes.

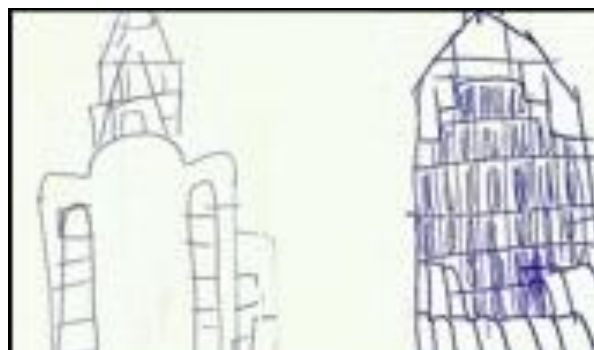


Figura 9: Representação esquemática do edifício 1

Desta forma, pode-se afirmar que o edifício não reflete o contexto urbano inserido. O setor varejista, a multidão de pessoas de diversas classes que procuram produtos comuns a serem consumidos não parece admitir um objeto arquitetônico mais elitizado, pelo menos inconscientemente. Há uma separação do público que frequenta estes espaços, e esta linha tênue que divide os habitantes que procuram o bairro, captam esta

distinção promovida pelo objeto arquitetônico, ignorando-o pelo propósito que não o inclui no espaço considerado.

7.2 A percepção do segundo objeto de pesquisa

O segundo edifício, ilustrado na Figura 10, mostrou-se facilmente reconhecível na paisagem, apesar das condições mais difíceis do sítio urbano, posto o elevado número de árvores e da topografia plana, além da rua estreita e dos edifícios que impedem observar o horizonte. Apenas o participante C havia notado a presença da edificação anteriormente e em todos os outros casos, reações de espanto e riso foram fortemente expressadas. O caráter residencial e o público de classe média, apontado com maior recorrência, foram unanimidade entre os participantes.

A sensação sinestésica entre incômodo e espanto foi explicada de variadas formas: o arcabouço teórico do participante B o conduziu a apontar uma das estratégias do capital em se valer do mesmo preço para construção de um marco singular e vender uma imagem mais valorizada no espaço; o participante A não soube explicitar ao certo o motivo das ‘janelas tortas’, se resumindo a expressões que denotassem a desarmonia do conjunto.

A desarmonia por irregularidade, como aponta Gomes Filho (2000, p.54), é uma das categorias fundamentais da Gestalt que, em síntese, é caracterizada “pela apresentação de desvios, irregularidades e desnivelamentos visuais”. Este fator, como aponta o autor, pode ser utilizada como estratégia para causar efeitos visuais inesperados pelo espectador, estratégia esta que foi de suma importância para que tal edificação fosse dotada de tamanha singularidade. Esta “desarmonia” foi reforçada pelo arquiteto pela aplicação de beirais laranja nas janelas tortas, que destacavam ainda mais tal característica na edificação.

Em todos os participantes, este detalhe foi apontado como primordial na representação do edifício, seguindo pela cor

laranja que predomina na edificação, como indica a Figura 11. O nome, além disto, muitas vezes se relacionava com as características ‘descontraídas’ e ‘engraçadas’ que tal objeto causava na percepção do indivíduo. Por exemplo, nomes como “Edifício Porto Alegre”

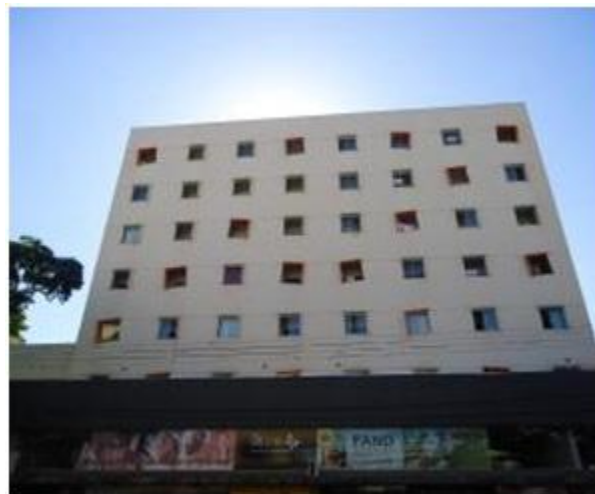


Figura 10: Edifício 2, apesar de pouco convencional com a disposição de suas janelas, não foi notado naturalmente pelo trajeto

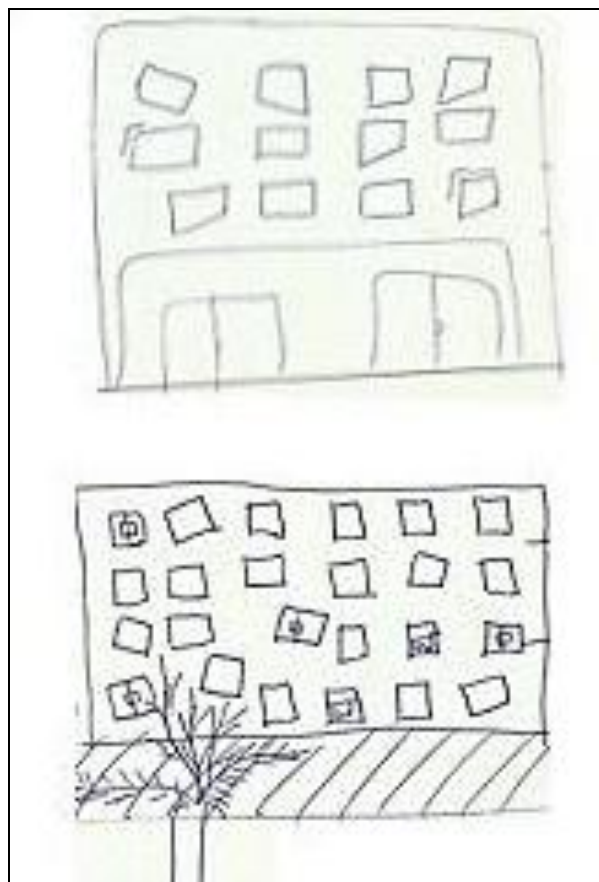


Figura 11: As janelas tortas foram os elementos de maior pregnância na edificação



Figura 12: Os quadrados amarelos indicam alguns pontos fotografados que melhor representavam a área. Nenhum deles incluíram os objetos verticalizados.

e “Residencial Aquarela” demonstram as associações claras feitas por dois participantes. Sensações diferenciadas podem ser evidenciadas pelo participante D, que atribuiu o nome “Edifício Tortura” ao objeto, representando suas sinuosidades e a sensação desconfortante causada pelos estímulos recebidos.

Apesar das formas simples de tal edifício, sua harmonia visual é interrompida pelos elementos incomuns no objeto. O sistema nervoso do observador é levado, como aponta Gomes Filho (2000, p.37), a buscar “a sua decodificação em alguma coisa mais clara e lógica, de modo a facilitar sua compreensão”, tornando tal processo mental mais difícil, posto aos elementos tortuosos que confundem a percepção do observador.

Quanto à relação contextual do edifício em seu bairro, é difícil apontar alguma situação que reflita em janelas dotadas de caricatas características. O discurso pós-modernista, entretanto, mostra profunda tolerância para estratégias ornamentais desta magnitude.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa elucidou como determinados elementos da paisagem urbana, notadamente dotados de características arquitetônicas pós-modernistas, são interpretados posto as particularidades cognitivas dos usuários.

O primeiro edifício mostrou-se pouco representativo no contexto do bairro inserido, perdendo visibilidade face aos comércios que desviam a atenção dos indivíduos no nível térreo. Entretanto, sua cor diferenciada e seus atributos estéticos foram considerados

elementos singulares quando apontado pelo entrevistador. A Figura 12 indica os elementos destacados pelos participantes, excluindo o edifício 1.

O segundo edifício mostrou-se mais competente no despertar perceptivo dos participantes, utilizando a desarmonia por irregularidade como característica apontada pela teoria da Gestalt como fundamental nesta tarefa. Os estímulos foram mais precisos e regulares nos participantes que se depararam pela primeira vez com tal objeto, caracterizando-o como um objeto de alta pregnância.

Estas manifestações compartilhadas pelos participantes, especialmente quando se trata do segundo edifício, apontam a competência das técnicas utilizadas pelo arquiteto para surpreender o observador.

Tais reações foram interpretadas de maneira semelhante em todos os casos, o que sugere que apesar da diversidade fisiológica e cultural dos indivíduos, tal objeto despertou sensações em comuns nos interpretantes.

Sobre o contexto existencial destes objetos arquitetônicos contemporâneos, Baudrillard (1995) explicita tais elementos como ferramentas de grupos sociais de classes mais elevadas se mostrarem pertencentes a um grupo mais seletivo, utilizando signos mais complexos e incomprensíveis. Os dois edifícios pesquisados conseguem refletir de maneira geral que os funcionários do edifício 1 pertencem a uma classe alta e o segundo edifício, média ou alta. Seria uma coincidência a ausência da classe baixa na significação destes signos?

Há ainda outras considerações que, em virtude das limitações do escopo científico específico necessário em uma pesquisa, não

puderam ser profundamente testadas. Um ponto importante a ser trabalhado é quanto aos efeitos de novos elementos que atuam diretamente na percepção dos indivíduos, como os tocadores de música portáteis. Apesar de se transparecer banal esta questão a primeira vista, a mesma atua diretamente sobre a audição, que é um sentido extremamente importante para a decodificação dos estímulos recebidos pelo meio. A crescente adoção destes objetos causariam impactos significativos no olhar contemplativo dos participantes?

Além disso, por que os participantes pouco consideram os espaços verticais na observação do meio? Em uma cidade que a lógica da verticalização altera significativamente a produção dos espaços, esta característica necessita de maiores aprofundamentos.

Enquanto estas questões não são respondidas com maior clareza, pode-se perceber que para os já acostumados com tais edificações no cenário urbano, esses objetos mostraram-se comuns e com pouco destaque na paisagem, o que aponta a efemeridade que tais elementos assumem frente ao cenário da urbe. As sensações despertadas são inteiramente fugazes. Um verdadeiro espetáculo natimorto.

NOTAS

1 Em seu discurso “A arte de construir e o espírito da época”, de 1930, Mies van der Rohe é enfático ao afirmar que “toda energia da nossa era está direcionada ao laico” e que “a nossa ruína é justamente a preocupação com o passado” (REGO, 1998 p.78). As necessidades contemporâneas tornam-se, desta forma, muito mais importantes que toda esta ‘bobagem histórica’ (REGO, 1998 p.77).

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o financiamento deste projeto de pesquisa pela Universidade Estadual de Maringá, bem como todos os entrevistados que se disponibilizaram prontamente em responder aos questionários.

REFERÊNCIAS

- BARROCO, S. M. S. **Psicologia educacional e arte: uma leitura histórico-cultural da figura humana**. Maringá: Eduem, 2009.
- BAUDRILLARD, J. **Para uma crítica da economia política do signo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- COSTA GOMES, P. C. da. **Geografia e modernidade**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2007.
- D’ALESSIO FERRARA, L. **Ver a cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.
- EKAMBI-SCHMIDT, J. **La perception de l’habitat**. Paris: E. Universitaires, 1972.
- GAY, P. **Modernismo: o fascínio da heresia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GOMES FILHO, J. **Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras, 2000.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- KOZEL, S. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a “capital ecológica”**. Curitiba: DGE/UFPR, 2001. (Tese de doutoramento).
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- _____. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- MULLER, J. **Elementos semióticos no planejamento urbano: o caso de Curitiba**. Curitiba: DGE/UFPR, 2004 (dissertação de mestrado).
- RAJA, R. **Arquitetura pós-industrial**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

REGO, R. L. **Conformações para a vida moderna.** A arquitetura e a morada em meados do século XX. Maringá: EdUEM, 2008.

_____. **A palavra arquitetônica.** São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

SANTIL, F. L. P. **Análise da percepção das variáveis visuais de acordo com as leis da Gestalt para representação cartográfica.** Curitiba: DGEO/UFPR, 2008. (Tese de doutoramento).

SUCHAN, T. A. BREWER, C. A. **Qualitative methods for research on mapmaking and map use.** Professional Geographer, v. 52, n. 1, p. 145–154. 2000.

VENTURI, R. **Complexidade e contradição em arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Data de submissão: 10.12.2011

Data de aceite: 27.01.2012